

## **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Leite, Yonne. 1966. Resenha de *Material lingüístico ye*, de Johannes Wilbert. *Estudos Lingüísticos (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada)*, vol. 1 no. 2, p. 82-84.

Permalink: [http://biblio.etnolinguistica.org/leite\\_1966\\_resenha](http://biblio.etnolinguistica.org/leite_1966_resenha)

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso acadêmico individual.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

Créditos: O presente trabalho foi digitalizado e disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em novembro de 2007

Material lingüístico ye. Por Johannes Wilbert. 303 pp. Editorial Sucre, Caracas, 1964.

Recenseado por Yonne Leite, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Este livro de Johannes Wilbert vem cumprir uma promessa feita pelo autor em seu artigo "A preliminary glottochronology of Ge", *Anthropological Linguistics* (4):17-24, 1962: a publicação do dicionário, com a análise das fontes em que se baseou para estabelecer as profundidades temporais entre as línguas da família lingüística Jê. O presente volume recebeu o patrocínio da Fundación La Salle de Ciencias Naturales, da Fundación Creole, ambas da Venezuela, assim como da Ford Foundation através de sua "International and Comparative Studies Grant".

Está dividido em cinco capítulos: I. "Introdução" (5), em que estabelece as diretrizes e âmbito do trabalho; II. "Fontes bibliográficas do material lingüístico" (9-53), em que arrola 37 obras; III. "Dicionário espanhol-jê" (57-258), com 10.231 vocábulos tirados das fontes; IV. "Contexto" (261-272), onde transcreve as frases existentes nas fontes; V. "Glotochronologia preliminar" (275-280), em que reapresenta, com pequena modificação, o artigo referido anteriormente. Seguem-se três apêndices e a bibliografia (301-303). O apêndice A reproduz a classificação da família Jê, segundo Mason; o B (284) é a chave das línguas em que foram publicadas as fon-

tes; e o C (285-298) é um léxico inglês-espanhol.

O autor considera somente as línguas tidas num consenso geral como pertencentes à família Jê, a qual situa na parte oriental do Brasil. Não trata, pois, dos grupos em que há discordância de opinião quanto à filiação à família ou ao tronco Jê, como o Kaingang, Ofayé, Karajá, Maxakali, Kamakan, etc.

Não tem intenção de apresentar trabalho original e friza esta atitude cautelosa na "Introdução" ao dizer que "El presente estudio no va a contribuir ciertamente al conocimiento básico de las lenguas Ye. Pues, ofrecemos en la parte primera solamente una recopilación ordenada del material lingüístico que fue acumulado por varios autores durante un centenar de años y, en la segunda parte tan solo un ensayo preliminar glotocronológico de algunas lenguas Ye" (5). E no capítulo da glotochronologia torna a advertir: "En vista de que los datos que tenemos a mano son relativamente fragmentarios, es oportuno insistir sobre el hecho de que la presente clasificación de Ye-propio es tan solo una clasificación preliminar y que la constelación de relaciones recíprocas puede muy bien ser considerada tan interesante como los valores asociados que

marcan las dimensiones cronológicas de divergencias internas" (275). Entretanto esta atitude, por louvável que seja, não exime o autor da responsabilidade de sua obra, nem o deixa a salvo de críticas.

No segundo capítulo, embora especifique que trata das "Fontes bibliográficas do material lingüístico Jê", das 37 obras arroladas, cinco não apresentam material lingüístico e uma se refere ao Kayoá da família Tupi-Guaraní. Não avalia criticamente, nem analisa lingüísticamente o material compulsado, pois é de seu empenho reproduzi-lo com o mínimo de alteração possível. A ausência de crítica faz com que fiquem igualadas fontes de valor discutível e as que são, sem dúvida, boa documentação lingüística. Assim o vocabulário Capiecran de Ignace Etienne, acerbamente criticado por Curt Nimuendaju (*The Eastern Timbira*: 28-29), passa a ter a mesma significação que, por exemplo, o vocabulário Suyá de Karl von der Steinen, este, dentro das limitações naturais de sua época, um bom documento lingüístico.

Esta neutralidade se evidencia, de forma perturbadora, ao considerar Wilbert o trabalho de Oscar Leal. Apesar de fazer uma tímida ressalva de que o vocabulário se parece muito

com o de Castelnau (36), aproveita-o como fonte para o Apinayé. Na verdade Nimuendaju é mais incisivo, pois diz: "O vocabulário é cópia do de Castelnau, com alteração parcial da ortografia francesa para a portuguesa" (The Apinayé: 9). Dentro desta atitude não-crítica, Wilbert aceita como válidas opiniões como a de Kupfer que diz ser o Kayapó do Sul "consistente de palavras brevemente articuladas, de tal maneira que el que habla da la impresión de ser tartamudo" (35). Tais descrições, típicas de viajantes do século passado, só seriam admissíveis se reinterpretadas à luz de critérios fonéticos. Para o lingüista são desprovidas de valor, para o leitor não-especializado só servem para reforçar um julgamento depreciativo dos idiomas indígenas.

Wilbert teve de fazer, entretanto, algumas modificações nas grafias originais, certamente devido a motivos tipográficos. E aí comete enganos e omissões. Por exemplo, as variantes Krahô do trabalho de Olive Shell, ka $\eta$ a, ka $\eta$ ã "cobra", são reduzidas à kanga sem que Wilbert indique a substituição do  $\eta$  por ng. E, mais grave ainda, embora constate que a grafia de Snethlage está baseada no alemão, substitui o  $\beta$  da ortografia alemã por f. Ora, o valor fonético do  $\beta$  na ortografia alemã é fricativa alveolar surda, portanto s. Mesmo que Snethlage usasse o  $\beta$  como símbolo fonético, isto é, como fricativa bilabial sonora (o que

não é o caso), a substituição aproximada seria v e não f.

Sendo outro propósito de Wilbert, conforme expressa na "Introdução", informar sobre as características das línguas Jê, nada adianta constatar que tal ou qual autor usa o acento grave, agudo e circunflexo como "símbolos". Em vez disso deveria ter indicado sistematicamente o valor fonético das diferentes grafias. Se Wilbert tivesse verificado, que, por exemplo, Castelnau registra seus vocabulários com a grafia francesa e Urbino Vianna com a portuguesa não acompanharia o último ao dizer que as vogais do Akuen são as mesmas do português (52). E, também, se tivesse reinterpretado os dados, cotejando-os, não se deixaria iludir pela tão comum sinonímia de denominação tribal, ao determinar de que língua o material é fonte; evitaria, conseqüentemente, os erros em que incidiu na glotocronologia (cap. V), como passaremos a examinar.

O vocabulário "Caraho" de Castelnau é tomado por Wilbert como fonte para o Carahó do grupo Kayapó, e distinto do Krahó. O vocabulário de Castelnau, como indica Nimuendaju (The Eastern Timbira: 25), é, sem dúvida, um documento da língua Krahó, e para provar esta asserção basta compará-lo, levando em conta diferenças de grafia (uma francesa, outra alemã), com o de Snethlage, que Wilbert considera, justamente, fonte para o Krahó. Constata-se que os radicais do vocabulário "Ca-

raho" de Castelnau são os mesmos dos do Krahó de Snethlage e, mais ainda, nas palavras registradas não se verifica a passagem das consoantes oclusivas e africada para as consoantes nasais homorgânicas, passagem esta característica dos dialetos Kayapó, como indica Nimuendaju (The Apinayé: 9).

Do mesmo modo, o vocabulário de Urbino Vianna é tomado como fonte do Akuen, considerado por Wilbert distinto do Xavante e do Xerente. Ora, Akuen é apenas a auto-denominação dos grupos Xavante e Xerente. Inexiste, portanto, como um terceiro grupo à parte. O dicionário de Urbino Vianna é fonte do Xerente, o que é indicado expressamente no título de seu artigo "Akuen ou Xerente", onde o vocabulário e as notas gramaticais se encontram (na bibliografia (303), porém, Wilbert cita apenas a segunda parte do artigo, "Ligeiras notas para a gramática Akuen", o que talvez o tenha levado a engano tão grosseiro). Estabelece na sua glotocronologia uma língua Akuen, separada do Xavante por 12 séculos mínimos, e do Xerente por 7 séculos mínimos. Este exemplo faz com que os demais resultados da "Glotocronologia preliminar" só possam ser utilizados se procedermos a uma recontagem de todos os dados. E isto não se deve tanto, como Wilbert leva a crer, a dados "relativamente fragmentários", nem ao fato do método glotocronológico não estar

ainda devidamente comprovado (275), mas sobretudo à má utilização das fontes e ao mau emprego do método. Seria preciso que o autor especificasse em que os dados são "relativamente" fragmentários, pois com eles foi organizado um dicionário de cerca de 10.000 itens e registradas cerca de 400 frases. ... Também a sua preferência pela denominação Coroá por Kayapó do Norte não encontra apoio na literatura especializada, e Wilbert não comprova a equivalência (nem se preocupa com o problema), muito duvidosa, dos dois nomes.

O dicionário (cap. III) está organizado em três colunas: na primeira, o termo tradutor espanhol; na segunda, as palavras encontradas para aquele termo nas diversas línguas; na terceira o código, cuja chave está nos apêndices, que identifica a fonte e a língua a que pertence a palavra.

Não constam no dicionário todos os dados das fontes. Wilbert excluiu as palavras que lhe ofereceram dificuldades sui generis de tradução (9). Não incorporou, então, as que designam

utensílios e ornamentos "muito específicos" (35), ou as que, no trabalho de Olive Shell, têm muitos "diacríticos" (49). Da terminologia de parentesco Xerente, apresentada por Maybury Lewis, excluiu os termos que se afastam das categorias do nosso sistema de parentesco (43). Os critérios expostos mostram, mais uma vez, a pouca familiaridade do autor com os princípios da lingüística antropológica, pois o que êle faz é alijar o que se afasta dos padrões de sua própria cultura, não percebendo que mutila o universo que o vocabulário de uma língua retrata.

Ainda no dicionário, as palavras para o Kayapó do Norte estão transcritas segundo Pohl e Saint-Hilaire; para o Kayapó do Sul entre outros autores, Wilbert usa Martius e Theodoro Sampaio. Ora, o vocabulário Kayapó de Martius é tirado de Pohl e Saint-Hilaire, e o de Sampaio é, por sua vez, tirado de Martius. Portanto Wilbert transcreve as mesmas fontes, dando-as como línguas diferentes, para as quais sua glotocronologia estabelece uma profundidade temporal de 12 séculos mínimos. Aliás Martius e Sampaio indicam claramen-

te, em seus trabalhos, a origem dos vocábulos em questão.

Uma avaliação deste livro de Johannes Wilbert, visto em seu conjunto, nos leva a dizer que êle não conseguiu alcançar os objetivos a que se propôs. A substituição nem sempre explicitada das grafias originais, o erro cometido na troca de sinais e a omissão mais ou menos arbitrária de parte do material tornam a compilação, cuja finalidade é a de dispensar a consulta às fontes, pouco fidedigna. Do mesmo modo a promessa de publicação do material em que se baseou para os cálculos glotocronológicos não foi cumprida, uma vez que um dicionário geral não é o suficiente. Era-nos lícito esperar que Wilbert apresentasse as palavras de cada língua por êle selecionadas para o preenchimento das listas-testes e indicasse os pares de cognatos que determinou em cada caso. Além disso a identificação confusa das fontes, acarretando distorções no estudo glotocronológico, deixa dúvidas sobre até que ponto um estudo glotocronológico bem controlado confirmaria as classificações existentes, conforme pretende Wilbert (278).